

LEITURA INFANTIL

Transformar para melhor educar

Reavaliar o ensino literário e buscar novos caminhos, pelos quais se forme um verdadeiro leitor: esse é o objetivo do I Simpósio de Literatura Infantil e Juvenil, que acontece no final deste mês.

Jacira Aires

Hoje, uma das maiores dificuldades dos estudantes universitários, particularmente os das áreas de Ciências Humanas, está relacionada com a interpretação de textos. Muitos universitários confessam ler incansavelmente um texto, para, na hora da prova, não conseguirem expressar nada. O problema é que o estudante não sabe ler. Ele não é verdadeiramente um leitor. Essa confusão, em grande parte, se explica pela sua má formação literária, que finca raízes lá nos remotos anos da alfabetização. Desde os primeiros anos de escola, a criança é submetida a um tipo de leitura de caráter punitivo e obrigatório, onde o senso crítico nunca vem à tona. Esse ponto de vista é defendido pela professora de Literatura Infantil, Maria Zaira Turcchi, do Departamento de Letras da UFG.

Para reavaliar a metodologia utilizada pelas escolas, no que diz respeito à Literatura Infantil, sua abordagem e sua didática, acontece, nos dias 25, 26 e 27 de maio, o I Simpósio de Literatura Infantil e Juvenil, no auditório da Faculdade de Educação. A promoção é do Departamento de Letras e do Núcleo de Coordenação e Apoio a Iniciativas Culturais da UFG, com a colaboração da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

A Profa. Zaira Turcchi considera essa situação muito grave. "A literatura revela o mundo e o homem". Para que as crianças não se alienem de si e da realidade que as cerca, a abordagem e a metodologia aplicadas ao ensino da Literatura precisam ser revolucionárias, críticas e, principalmente dar à leitura o tom do prazer, da arte e da criatividade. Esse Simpósio abrirá espaços à crítica às velhas normas do ensino da Literatura Infantil. Segundo Zaira, o estudo literário não deve se desvincular da sala de aula, como acontece normalmente. A leitura do livro literário geralmente é feita em casa, de forma solitária e estanque. Não há discussão. A criança lê, e o educador não se propõe a de-

bater com ela. É isso que tem de mudar, segundo essa nova pedagogia. A sala de aula tem que se transformar num fórum infantil de debates, de confronto das várias interpretações que cada criança faz da pequena obra que lê. "O fundamental é que a criança entenda o significado do "eu falo", "ele fala" e do "nós falamos", diz Zaira Turcchi.

A situação da política educacional do país não contribui para a concretização desses objetivos mais avançados e mais responsáveis. A pobreza generalizada impede as crianças das escolas públicas de sequer adquirir livros, quanto mais de utilizá-los de forma transformada e consciente. Talvez poucos saibam, mas o Brasil tem a honra de exibir para o mundo inteiro, Lygia Bojunga Nunes, uma das maiores personalidades no campo da Literatura Infantil, ganhadora do prêmio Hans Christian Anderson. Mas, se por um lado esse fato torna o nosso país invejável, por outro o descredencia de qualquer respeito no campo educacional: poucos conhecem nossa famosa escritora que tanto sucesso faz na Europa. Na Itália e na Alemanha, crianças de apenas nove anos já leram todas as suas obras, aqui, nem mesmo os educadores — fora alguns mais preocupados — têm conhecimento da nova Literatura Infantil, que propõe o fim do tradicionalismo e a formação de um verdadeiro leitor.

Mas a briga se trava é por esses caminhos mesmo. O I Simpósio de Literatura Infantil e Juvenil, como diz Zaira, "tem os seus porquês na preocupação de alguns educadores com os rumos

da escola e na busca de espaços alternativos, que transformem a mentalidade educacional em relação à leitura infantil". E conclui: "a leitura tem que deixar de ser castradora e alienante, para tornar-se algo leve, a co-participação deve ser o traço fundamental do ensino literário."

PROGRAMAÇÃO

O Simpósio é dirigido a toda comunidade, mas principalmente aos estudantes dos cursos de Letras e Pedagogia e aos professores da rede pública e privada. Participam do Simpósio os seguintes especialistas: Raquel F. Alessandri Teixeira, assessora de Assuntos Internacionais da UFG e doutora em Lingüística, pela Universidade da Califórnia, Berkeley dos Estados Unidos, Regina Zilberman, doutora em Literatura Infantil pela Universidade de Heidelberg, na Alemanha; Vera Maria Tietzmann, licenciada em Letras e mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Goiás; Ciça Fittipaldi; que escreve e ilustra livros infantis sobre a questão indígena, Bartolomeu Campos Queirós, escritor e educador, que obteve os mais significativos prêmios brasileiros pelo seu trabalho de Literatura Infantil e, Eliana Yunes, doutora em Literatura Brasileira pela PUC-RJ e atual secretária executiva da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

Dia 25/05, na abertura, às 7:30 hs, será abordado o tema "A literatura infantil e a leitura na escola" (Regina Zilberman). Às 9:30hs, "Alguns aspectos lingüísticos e cognitivos do processo da leitura" serão abordados por Raquel Alessandri. Dia 26/05, às 17:30 hs, "A mandala dos sete cavaleiros — uma leitura de Cavaleiros das Sete Luas", de Bartolomeu Campos Queirós, será o tema de Vera Maria Tietzmann. No mesmo dia, às 9:30 hs, Ciça Fittipaldi fala sobre "O imaginário indígena na sua literatura infantil". Dia 27/05, às 7:30 hs, "A poesia na infância" será o tema da discussão dirigida por Bartolomeu Campos Queirós. Por fim, às 9:30 hs, Eliana Yunes discute sobre "A representação da infância na literatura não infantil brasileira".

A programação se estende também às tardes, das 14:00 às 17:00 hs, durante os três dias. Serão tardes de oficina: oficina de Teatro e Música, coordenada por Carlos Fernando Brandão e Cristina Sawaia; Oficina de Criação de Textos, dirigida por Célia Pinto Costa, especialista do Rio de Janeiro e Oficina de Leitura, que ficará por conta de Maria Helena Guimarães e Freitas, que coordena oficinas para professores do Estado.



Professora Maria Zaira Turcchi



No palco, A Incelença

Depois de *Antigone*, de Sófocles, e *Mauser*, do alemão Heiner Müller, o Teatro Universitário se prepara para encenar *A Incelença*, do pernambucano Luiz Marinho. Bem diferente da tragédia grega e do questionamento existencial de Müller, o texto de Marinho é uma "farsa nordestina" em três quadros, escrito na década de 60 e montado pela primeira vez por Luiz Mendonça, diretor do grupo de teatro do Centro Popular de Recife.

Um velório é a situação inicial da estória. Entre os cantos e ladainhas em torno do defunto, *A Incelença* desencadeia uma série de relações sociais do cotidiano do homem nordestino. Carlos Fernando Magalhães, o dire-

tor do Teatro Universitário, explica que o texto aborda elementos fundamentais destas relações. A sociedade nordestina, o poder dos latifúndios e as relações corriqueiras entre vizinhos e parentes perfazem o quadro geral da peça. Trata enfim, como diz Carlos Fernando, "da relação entre a vida e a morte".

Carlos Fernando está trabalhando o elenco de 22 atores desde março, e pretende levar a peça aos campi avançados da UFG e a alguns bairros de Goiânia. Peça já dirigida por ele em dois outros momentos, Carlos Fernando considera que obteve ótimos resultados, esperando conseguir o mesmo com o grupo de teatro da UFG.